

Cacujá

Cultural

REVISTA DA IOSE
ANO I - Nº 1 - DEZEMBRO 2023
R\$20,00

**CULTURA
POPULAR
PULSANTE:**

Os encantos
do País do Forró

PÁG:4

Amaral Cavalcante:
de menino invisível a
desbravador de sonhos

PÁG:24

Ópera do Milho: o
sonho da sergipanidade
preservando a cultura
no país do forró

PÁG:52

**Mestra Madá e as
lendas do Povoado
Ilha Grande**

Opera Sergipe:
mais de 5 mil cirurgias
já realizadas

Cuidando da gente hoje,
melhorando o futuro de todos.

Samuel Bezerra Machado Júnior
Médico da Rede Estadual de Saúde

**A saúde
tá que
tá**

Eliene Vieira dos Santos
Assistida do Opera Sergipe



SERGIPE
GOVERNO DO ESTADO



/governosergipe
se.gov.br

editorial

Caçuá cultural: resistência e renovação

O compromisso da Imprensa Oficial de Sergipe (IOSE) com a cultura local está mantido. A partir desta edição pioneira da revista **Caçuá** reinauguramos uma relação promissora com as pessoas e aspectos do universo cultural deste estado tão abundante em sons, imagens, cores, palavras e movimentos que nos remetem à arte de viver e produzir sentidos.

Sim, sucedemos a revista **Cumbuca** feita com maestria pelo jornalista e poeta Antônio Amaral Cavalcante entre abril de 2013 e julho de 2020. Era o porto seguro da produção artística e cultural de Sergipe com publicação trimestral feita pela então Segrase - Serviços Gráficos de Sergipe. “O objetivo é difundir trabalhos e reflexões sobre arte, cultura e atualidades, seja reportando fatos ou resgatando memórias, ou ainda dando publicidade à criatividade artística em nosso meio, esta publicação quer estabelecer com os seus leitores uma atitude participativa e inspiradora”, anunciava o editor Amaral no início dos trabalhos.

E a **Caçuá** que agora chega pedindo licença trilhará o mesmo rumo. A revista da IOSE nasce com a responsabilidade de acondicionar uma produção cultural vasta que abrange a literatura, música, dança, manifestações folclóricas, artes plásticas, artes visuais, enfim, uma série de linguagens e expressões com raízes fincadas na sergipanidade. É um trabalho significativo traduzido em resistência e renovação de um produto cultural extremamente importante para a classe artística e, sobretudo, para a sociedade.

Esta primeira edição da **Caçuá** nos chega abrangendo com orgulho, em matéria de capa, todos os aspectos de uma cultura popular pulsante que em 2023 fortaleceu mais ainda o encanto de milhares de sergipanos e turistas. São os icônicos

60 dias de festejos juninos que foram retratados com precisão num texto do atual secretário de Estado da Comunicação, Cleon Menezes, uma das pessoas que esteve à frente dessa empreitada sem precedentes em território sergipano.

A revista, recheada de sergipanidade, traz também informações sobre a exuberante Ópera do Milho; a representatividade do Mestre Elói Filho, um nome consagrado da cultura junina no Brasil; as histórias arrepiantes da Mestra Madá do samba de coco de São Cristóvão; a impressionante e necessária Casa de Cultura Marionéticos, no bairro Inácio Barbosa; a linda relação de amor entre o Rei do Baião, Luiz Gonzaga, e a cidade de Propriá; os poemas de Maria Glória, ativista cultural com forte presença na Cidade Mãe de Sergipe, São Cristóvão; as fotografias de Emanuel Rocha, e muitos outros elementos da atualidade acondicionados num projeto gráfico pensado e executado por Clara Macedo e Rodrigo Carvalho.

Há também, de forma afetiva, uma homenagem a Amaral Cavalcante através de texto extraído de uma entrevista feita pelos jornalistas Ivan Valença e Gilson Sousa em 2018. Nela, Amaral nos revela detalhes de sua relação íntima com o jornalismo e com a vida que tanto lhe quis bem. Enfim, o importante papel cumprido com excelência pela revista **Cumbuca**, em suas 28 edições publicadas, ganha novo fôlego porque a **Caçuá** chega carregada de sentimento de pertencimento da cultura local. Portanto, se ajeite com as palavras e imagens que nesse caçuá de cultura todos são bem-vindos.

Gilson Sousa
Editor

Revista Caçuá Cultural

SUMÁRIO



32

60 dias de forró:
Resgate da cultura popular é o grande legado dos Festejos Juninos em Sergipe

4

Amaral Cavalcante:
de menino invisível a desbravador de sonhos



18

Casa dos Marioneticos:
arte, cultura, gente, boneco e salão



24

Ópera do Milho: o sonho da sergipanidade preservando a cultura no país do forró

40

Presença de Luiz Gonzaga em Propriá

46

Mestre Éloi da Asa Branca



52

Mestra Madá e as lendas do Povoado Ilha Grande

56

Caçuá de Poemas:
Maria Glória



62

Meu Click:
Emanuel Rocha

70

Diário Oficial:
128 anos de história



Amaral Cavalcante

de menino invisível a desbravador de sonhos

Texto GILSON SOUSA



Antônio do Amaral Cavalcante viveu essa vida impregnado de adjetivos. Nela, fez quase de tudo, mas foi no jornalismo e na literatura que encontrou guarida para atravessar o tempo. Deixou, sem dúvida alguma, sua marca bem visível pelas frestas de dois caminhos: jornal *Folha da Praia* e revista *Cumbuca*, essa que ele tanto cuidou, mimou, acalentou e embalou no coração até onde pôde ir. Aqui, neste breve relato sobre o intrépido jornalista e poeta, estampamos nossa imensa gratidão ao mestre.

Em agosto de 2018, num bate-papo cheio de nuances comigo e com o decano do jornalismo sergipano, Ivan Valença, Amaral nos fez uma série de revelações sobre sua relação íntima com o universo das palavras e os contornos da vida. Para saudá-lo, veremos aqui registros desse bate-papo devidamente anotado. E inédito.

Nascido em Simão Dias, interior de Sergipe, em 1946, era filho de José Cavalcante Lima e Corina Hora Amaral. Passou a infância e adolescência entre sua terra natal e Itaporanga d'Ajuda. Em 1964 se mudou para Aracaju.



Baús de Simão Dias, década de 1950. Tonho Amaral Cavalcante (o príncipe das Astúrias), e seus irmãos Jorge, Edila e Tereza. Foto: Barbosa Guimarães.

Naquela época, foi presidente de Grêmio Estudantil em sua cidade, no Ginásio Carvalho Neto, e na capital também se envolveu com movimento estudantil. A partir daí, sua cabeça começou a fervilhar, pois conheceu o poeta Mário Jorge, o comunista Wellington Manguiera e mais um bocado de gente ‘louca’.

Já praticava escrita na época, mas não em jornal. Em Simão Dias, recordou ele, havia o jornal *A Semana*, de Zeca Déda, que produzia praticamente sozinho, cravando clichês na madeira e fazendo monotipia. “Eu achava aquele homem incrível, geralmente trabalhando de terno e gravata”. Assim, o primeiro contato de Amaral Cavalcante com o jornalismo foi como observador:

“ Eu era uma criança invisível. Entrava em qualquer lugar e ficava ali em pé, nas casas, olhando, ouvindo as conversas. Então na redação do jornal *A Semana* eu fui muitas vezes, principalmente dia de sábado, que era o dia em que ele (Zeca Déda) recebia cor-religionários. E eu ficava ali, menino de calça curta, só olhando. Ele nem me conhecia nem nunca me cumprimentou, mas ele era muito solitário”.





Quando morava em Itaporanga, que era cidade muito pequena, terra de famílias tradicionais de Sergipe, como os Garcez, Sobral, Prado, sua residência ficava na rua principal, e por lá sempre encontrava os amigos crianças na casa do jornalista Antônio Conde Dias. “Uma das nossas invenções de criança foi fazer uma rádio difusora. Um rapaz que entendia de eletrônica fez uma rádio que se ouvia na rua toda. Naquele tempo não havia televisão. Foi minha primeira experiência de imprensa”.

Junto com Marco Prado Dias e Danilo Sampaio, filho do poeta José Sampaio, Amaral Cavalcante fazia um jornal escrito a mão, em quatro folhas de papel pautado. “Era desenhado e levado de casa em casa. Tinha os assuntos cotidianos da cidade, festas, acontecimentos. Coisa de menino”.

Em Aracaju, juntou-se à turma do Parque Teófilo Dantas, liderada pelo Cabo Tripa (Evandro). “Turma grande, com gente inteligente, brilhante, mas com marginais e perdidos também (Caio Matos, Vinícius Dantas e outros). Juntava tudo no parque e lá a gente teve um jornal mimeografado chamado *O Margelino*. Era datilografado, mimeografado a álcool na Sociedade de Cul-



Amaral Cavalcante,
década de 1950.

tura Artística (Scas). Depois era distribuído na Rua João Pessoa, principal do comércio de Aracaju, onde hoje existe o calçadão”. Aliás, *O Margelino*, admitiu Amaral, foi o embrião do jornal *Folha da Praia*.

Pois bem. Ponto de encontro de muitos jovens à época, a Scas tinha um escritório no centro da cidade e abrigava todos os movimentos culturais de Sergipe. Não havia órgão oficial de cultura. Era dirigida por pessoas como João Costa, João de Barros, Antônio Leite, Luiz

Teixeira, João Augusto Gama. “Era de extrema importância para todo mundo que queria fazer algum tipo de arte. La tinha telefone, máquina de datilografia, mimeografo. E tudo isso a Scas disponibilizava para todo mundo”.

Na época, em 1966, Amaral trabalhou como cobrador de anúncios no Sergipe Jornal, da família Teixeira. O editor era Edmundo de Paula. Mais tarde, esse jornal foi vendido a Assis Chateaubriand, o magnata da comunicação no Brasil, e virou Diário de Aracaju.

Amaral foi também arrimo de família, era matriculado no Colégio Atheneu no turno da noite, mas alegava não ter tempo para estudar. Trabalhou ainda numa movelaria de Aracaju e fazia entregas de material até a noite. “Era um emprego muito estranho para mim. Eu queria pedir demissão, então saí procurando outro trabalho, cheguei ali na Rua da Frente, no prédio onde havia a Rádio Jornal em cima, e embaixo era o Sergipe Jornal. Então entrei para falar com o pessoal”.

Conseguiu o emprego novo, mas longe do que desejava, “Cobrador era o pior emprego do mundo. O jornal não prezava pela organização administrativa. Toda sexta-feira levavam a folha de paga-

AL CAVALCANTE AMARAL CAV CAVALCANTE AMARAL CAV ARAL CAVALC L CAVALCANTE

mento para a loja do Sr. Oviedo (Teixeira) para ele mandar o dinheiro. Ficava todo mundo no prédio esperando”, recordou. Segundo ele, a tiragem do Sergipe Jornal não passava de mil exemplares.

“A cidade era muito pequena, só ia até o late Clube, e até a praça do bairro São José. Não havia outras construções depois. Para chegar na Praia Formosa era muita lama preta, muito mangue, até o local onde foi construído o ginásio (de esportes) Constâncio Vieira. O João Alves, pai, foi o grande construtor naquela região”.

Quando o Sergipe Jornal virou Diário de Aracaju, Amaral continuou trabalhando no escritório com Orlando Doido, “que era louco por tecnologias, comprava máquinas estranhas, era uma figura muito estranha”, além de José Antônio (que virou cineasta) e Erotildes Araújo (que virou publicitário). “O Diário de Aracaju foi quem sistematizou a publicidade em jornais impressos. Colocou gente na rua para vender anúncios, algo que não existia. Já era algo mais profissional. Os clichês de plástico já vinham prontos de fora do estado”. Atrasados, os demais jornais de Aracaju ainda usavam clichês de zinco.

Baús de Simão Dias 2,
dançando com a irmã Maroquinha
no Caiçara club.

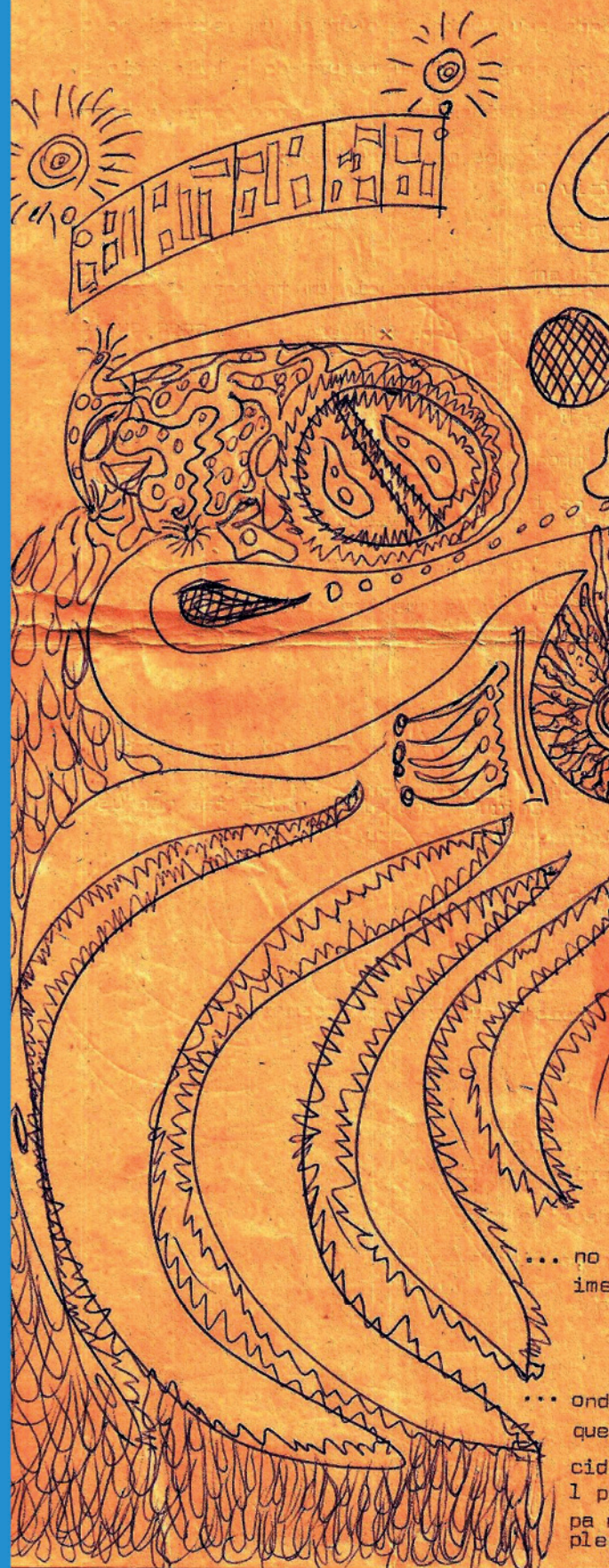


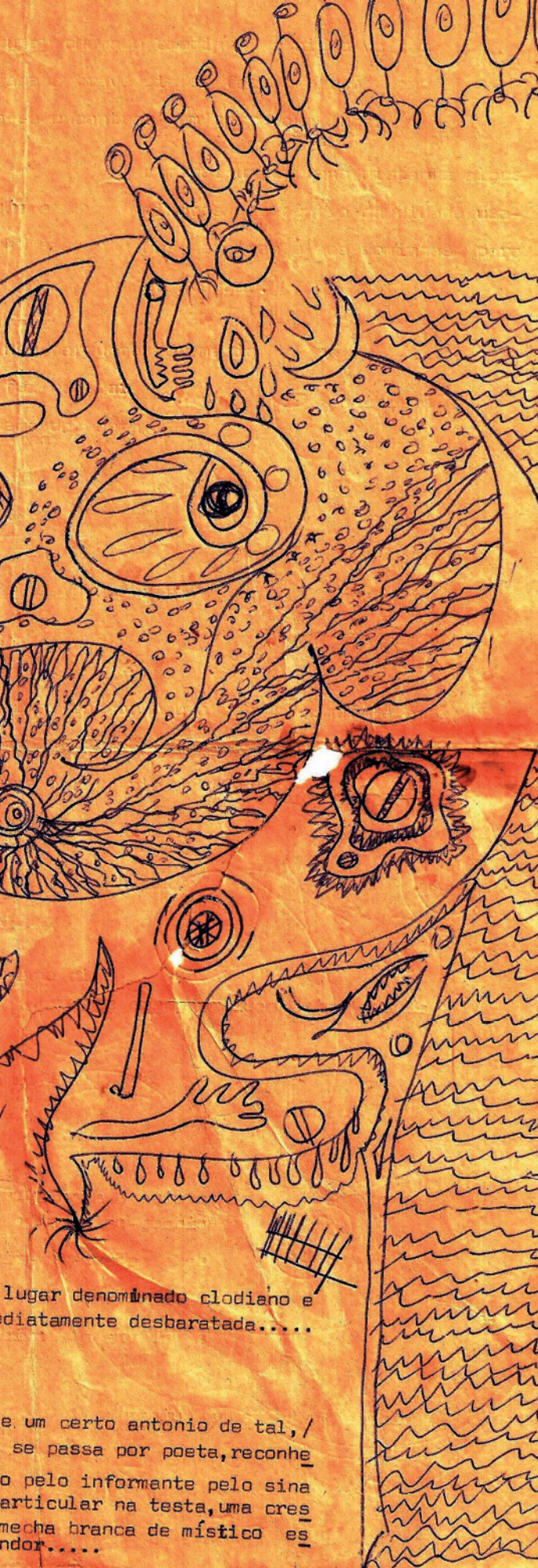
Para garantir a marca de inovador, o Diário de Aracaju trouxe quatro grandes máquinas de linotipo.

“Era aquela coisa monstruosa, e o jornal passou a ser feito todo nessas máquinas. Mas lá ainda tinha aquelas caixas cheias de monotipia, mas só serviam para fazer os títulos das matérias. O jornal todo era feito num lingotezinho e rodado numa impressora chamada ‘perereca’. Na verdade, era Linetype, que imprimia de duas em duas páginas. Uma revolução”.

Amaral Cavalcante, que já não era mais o menino invisível de Simão Dias, admirava a redação. E sonhava alto. Era fã de José Brasil, repórter de polícia. “Figura interessantíssima, ninguém entendia o que ele falava. Era filho do Sr. França, um caixeiro viajante da loja A Fonseca”. Curioso, era fã também da redação da Gazeta de Sergipe, que tinha jornalistas como José Rosa, Nino Porto, Ivan Valença, Ancelmo Gois. “Era mais rica, mas a nossa não ficava muito atrás, tinha Hugo Costa, Luiz Eduardo Costa”.

elaboração da geografia clodiana





Desenho e poema de Amaral
Cavalcante, na década de 1970.

Tempos depois, Amaral deixou o jornal e foi trabalhar como secretário na Galeria de Artes Álvaro Santos, da Prefeitura de Aracaju. “Não tive a experiência de redação de jornal, mas fiz muito jornal coletivo. Trabalhei muito como editor, selecionando e publicando o que os outros escreviam”.

Como nunca foi um jovem organizado, Amaral revelou que havia perdido boa parte de sua produção escrita. Morou em muitos pensionatos e acabou se desfazendo de quase tudo na década de 1970. “Mas também eu era muito louco, andava muito na rua, não estava preocupado com isso”.

O nascimento do jornal próprio

O Amaral desbravador de sonhos começou a surgir bem no início da década de 1980. Naquela época, em Aracaju todo mundo se encontrava nos mesmos lugares. O bar Cacique Chá, numa das pontas da praça Olímpio Campos, era ponto de encontro. “Essa convivência me ensinou muita coisa”.

Papo vai, papo vem, Amaral ficou sabendo que Ivan Valença havia monta-



do em Aracaju, na rua 7 de setembro, uma gráfica offset e percebeu que era possível fazer um jornal sem precisar ter uma gráfica própria. Numa outra ocasião, conversando com o amigo Ricardo, do Batata Quente, num bar na areia da Atalaia, surgiu a ideia de fazer o tal jornal próprio. Era o início da badalação na área hoje conhecida como Praia dos Artistas. “Era frequentada por Alcides Melo, Paulo Lobo e outros artistas daqui, sempre a partir do final da tarde. Havia efervescência muito grande na juventude e eles não tinham o que consumir. A ideia de fazer o jornal veio daí”, revela.

Noutro dia, durante uma visita à gráfica de Ivan, em 1981, viu no maquinário um jornal feito por Pedro Valadares, que saiu um único número. Isso chamou a atenção de Amaral. “A gente era muito influenciado pelo Pasquim (jornal alternativo e anárquico do Rio de Janeiro, mas que circulava no Brasil inteiro com grandes tiragens), que estava dando certo. Mas tinha também o jornal Movimento, o Luta Operária (do PCdoB), o jornal Bondinho, o Lampião de Esquina (primeiro jornal direciona-

do ao público gay, editado por Aguinaldo Silva, hoje autor de novelas). Tudo isso mexeu com a minha cabeça”.

‘Folha de la Playa’ ganha vida nas areias de Aracaju

Batido o martelo, o jornal de Amaral começou imitando mesmo o Pasquim, mas com foco nos eventos das praias de Aracaju. “Tinha uma francesinha hippie hospedada em minha casa e na discussão sobre o nome do jornal ela que sugeriu: ‘Folha de la Playa’. Aí ficou esse nome, só que em português. Naquele tempo os loucos que viajavam pelo mundo a gente hospedava. Era sempre gente bonita, inteligente, não havia problema”. A redação ficava no andar de cima do Cine Palace, no final da Rua João Pessoa, chegando no Palácio do Governo.

O jornalista Nestor Amazonas fez a matéria de capa na edição nº 0; Tanit Bezerra foi a primeira colunista social; e as fotografias foram de Ricardo Nu-



nes. Sob a batuta de Amaral Cavalcante, o grupo fazia reuniões semanais para debater os temas a serem escritos. Os primeiros números tinham tiragem de 1 mil exemplares. Aos domingos pela manhã, com os jornais em mãos, o editor colocava jovens de sungas e biquínis para distribuir na areia da praia. “Causava alvoroço”.

Nos anos 1980, aos domingos, a cidade se encontrava na praia de Atalaia. Não havia condomínios com piscinas, e pouquíssimos clubes sociais. Por isso, todas as classes sociais se misturavam naquelas faixas de areia. “O jornal saía com mulheres bonitas na capa, brincadeiras, textos descontraídos, linguagem interessante, mas nunca teve uma direção editorial. A gente misturava para ver no que iria dar”.

No início dos trabalhos, o fotógrafo Fernando Souza, funcionário da UFS, circulava pela praia com a equipe do jornal captando imagens de pessoas nos bares e na areia. “Então, na semana seguinte a praia se via no jornal. Não havia pauta direcionada. A gente via um grupo interessante e Fernando fotografava”, relatou Amaral, garantindo

que nunca houve problema com direitos de imagem.

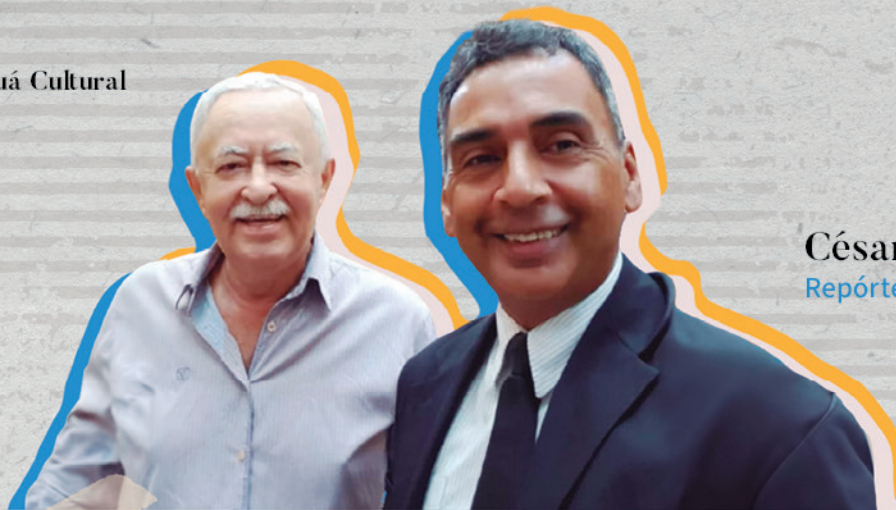
O curioso é que essas fotos eram diagramadas aleatoriamente nas páginas do Folha da Praia. Ivan e Taiozinha, funcionário da gráfica, eram os diagramadores.



A gente chegava na gráfica com uma pasta cheia de papel e entregava a Ivan. Faça!”, determinava Amaral. “Mas eu fui aprendendo. Já tinha uma tendência. Daqui a pouco eu mesmo estava fazendo a diagramação na sala da Scas, que durante muitos anos serviu como nosso escritório. Sem essa sala o Folha não teria existido”.

Mais tarde, a turma conseguiu alugar uma sala num prédio que fica na esquina da Rua São Cristóvão com Rua da Frente, bem no centro de Aracaju... mas aí já é história para a próxima edição da Caçua. ■

Gilson Sousa é jornalista, escritor e Mestre em Comunicação pela UFS.



César de Oliveira
Repórter-fotográfico

“Amaral Cavalcante, junto com minha madrinha Ilma Fontes, mudou o rumo da minha vida. Ilma e um colega me apresentaram a ele, daí ele gostou de uma foto que eu fiz, colocou na capa do Folha da Praia, e a partir disso firmamos uma parceria para fazer fotos para ele nos finais de semana. E com isso eu fui mudando totalmente o rumo da minha vida de fotógrafo, pois eu fazia foto social e a partir daí comecei fazer e seguir o rumo do fotojornalismo. **Então, eu tenho muito a agradecer a Amaral. Onde ele está, sei que está bem assistido por Deus, porque ele fez muito bem aqui na terra e principalmente para mim**”.

Djenal Gonçalves
Escritor e músico



“Lembro do amigo Amaral na varanda do nosso apartamento, aos vinhos, discorrendo sobre o renomado ofício de “cabaretier” (especialista em cabarés), enquanto mirava, ao longe, as marolas do rio Sergipe, com a cara mais lavada do mundo, à espera de Samuel, seu fiel escudeiro. **O fato de Amaral não estar mais com a gente, não significa que devamos buscá-lo nas velhas páginas do passado**. Lembrar do poeta é mirar o futuro. Reviver o jornalista é se renovar. Potência literária, tudo que remete ao amigo visionário transcende qualquer momento”.

Milton Alves

Jornalista e diretor Industrial
da Imprensa Oficial de Sergipe



A cultura é a expansão do saber do homem. A Revista Cumbuca, editada pela Editora Diário Oficial de Sergipe (Edise), traduziu e imortalizou **o irrequieto andarilho cultural Amaral Cavalcanti, que viveu a poesia, a literatura, o teatro e a música em tempos, nem sempre, favoráveis a tão maravilhosa dedicação**. A Revista Cumbuca surgiu da sua genialidade, para oferecer a tantos o direito de viver no campo que escolhesse a magia de buscar, insistentemente, a grandeza da criação cultural.

Foram 28 edições, que, saindo do prelo, foram buscadas pela certeza que se tinha da qualidade material e cultural. Sergipe foi varrido, plenamente, pelos inúmeros textos que refletiam a magia literária do estado. A cada edição, tinha-se a criteriosa decisão de que o material coletado fosse, imperativamente, gramaticalmente rico e em linguagem coloquial”.



Rian Santos

Jornalista e crítico de arte



A convivência com Amaral foi, para mim, uma aula de generosidade. Um profissional como ele, reconhecido por tantos feitos, tende a ostentar uma coroa de cartolina sobre a cabeça laureada de glórias as mais breves. O poeta, ao contrário, fazia questão de se misturar com qualquer um capaz de lhe oferecer dois dedos rasos de prosa. **Sempre curioso, atento até o fim, ele acompanhou a vida cultural e política da aldeia como um menino de cabelos brancos**, entusiasmado como um pive cheirando a mijó, com tudo ainda por aprender”.



Irineu Fontes
Cantor e compositor

“

Conheci pessoalmente Amaral na Fundesc. Quanto ao poeta, o acompanho desde minha mais tenra idade. Em minha casa, a poesia marginal de Amaral Cavalcante e Mario Jorge era frequentemente discutida. Assim que o conheci, pude compreender todos os elogios e críticas que lhe eram atribuídos. Ele foi meu colega de trabalho, além de diretor e presidente da Fundação Estadual de Cultura. Amaral também se destacou como criador do melhor jornal alternativo do nosso estado, a Folha da Praia, e da excelente revista Cumbuca.

Ele foi um grande jornalista e um aglutinador de pessoas, capaz de unir indivíduos tanto semelhantes quanto distintos.

Sua paixão por tudo o que fazia era evidente, e ele possuía uma memória privilegiada. Amaral servia como um exemplo inspirador para várias gerações, não apenas como um poeta talentoso, mas também como um visionário. Ele disse no poema Canção sem Amor: É tempo de andarmos ombro a ombro, uníssonos e graves, cantando o mesmo canto, vivendo a mesma estrada, anunciando a mesma madrugada”.

“

Admirada fiquei quando conheci Amaral Cavalcante, no meio de uma turma que representou e marcou a arte e a intelectualidade da época. Falo início da década de 1980, quando estudava odontologia na UFS e através de um amigo conheci Amaral, Joubert Moraes, Lu Spinelli, Ilma Fontes, entre outras grandes figuras, que receberam aquela jovem estudante como uma igual, uma pessoa que merecia partilhar e receber. Mas aqui é sobre Amaral! **Ele viu em mim não só a moça bonita, rsrsrs, viu um potencial que eu nem sabia que tinha e me convidou a fazer parte da família Folha da Praia** com uma coluna que falava do que acontecia na praia, tipo eventos de surf, namoricos, festas, bares, enfim. Surgiu aí a centelha da jornalista em mim. A amizade permaneceu até sua partida, recheada de carinho, amor, diversão e respeito”.

Tanit Bezerra
Jornalista

“

Amaral Cavalcante, não foi só a vida que lhe quis bem! Tê-lo num bom cercadinho da memória e do afeto são ato e ação quase que compulsórios. **Ele muito foi e muito significou na cultura sergipana.** Desde com o iconoclástico jornalismo na velha e inesquecível Folha da Praia dos anos 1970/1980, passando pela poesia vibrante e rara do “Instante Amarelo”, até a queda pelo memorialismo fecundo na idade maduríssima, com crônicas de uma beleza fantástica sobre nós e nosso tempo - felizmente enfeixadas no livro póstumo “A vida me quer bem”. Sim, como não querer bem a um bom doido daquele? Fica a falta que ama”.

Jozailto Lima

Jornalista e poeta



Clínio Guimarães

Amigo

“

É sempre muito difícil falar sobre um amigo que já morreu. Mas falar de meu amigo Tonho de Liminha é ao mesmo tempo triste e prazeroso. Primeiro por que **esse amigo se transformou a partir da adolescência num dos nomes enormes da cultura sergipana** e virou o poeta, jornalista e ativista cultural Amaral Cavalcante, idealizador da revista Cumbuca. De colega de sala no ginásio e de brincadeiras e pequenas badernas da infância nos reencontramos adolescentes em Aracaju como integrantes do Sagrado Quarteto Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (Gélío Albuquerque, Sérgio Botto, Nelson Guimarães eram os outros componentes), uma espécie de cover do MPB4 para cantar Chico, Gil Caetano, Vinícius e Tom Jobim em serenatas e saraus por essa cidade então pouco maior que Simão Dias. Éramos um quarteto de cinco como dizia Lineu e Amaral, o meu amigo Tonho, nos conferia uma grife cultural que jamais sonháramos. Foi uma generosidade do destino permitir convivermos por quase setenta anos. Ele agora é uma estrela das mais brilhantes no céu de Sergipe”.

Casa dos Marionéticos

Arte, cultura, gente, boneco e salão

TEXTO GILTON LOBO

No charmoso e boêmio Bairro Inácio Barbosa, mais precisamente na Rua Castro Alves, nº 37, uma simples e formosa espaçona cultural se faz em recente pouso. O Centro de Cultura Casa dos Marionéticos, ainda um bebê de colo, em fase que exige carinhos e cuidados especiais, grita o grito dos artistas e já proclama sua função perante sua principal bandeira de ânimo: valorizar e fomentar a cultura e a arte. Sim, um bebê, mas já imprime seus ares de referência cultural e chora bonito, afinado com os artistas e frequentado-

res. Quem visita cutuca o queixinho, se emociona e opina: “é lindo!”

Na certidão de nascimento do Centro de Cultura está estampado: “associação cultural sem fins lucrativos”. Claro. Seus pais, todos artistas, já sabiam que de tão desdenhada a cultura, tão carente de apoios, ninguém ousaria imaginar a Casa dos Marionéticos como uma moça segurando um pote arrecadador de louros lucrativos. Assim, fez-se em forma de coletivo, uma associação, sem donos, mas, ao mesmo tempo, pertencente a muitos, artistas e admiradores da arte.



Por assim ser, dos artistas, já nasceu carregando na sua inspiração essencial a expressividade de um grande artista, o nosso Augusto Barreto, com seu espetacular Mamulengo do Cheiroso, que nesse ano de 2023 completou 45 anos de atividade e reconhecimento no Brasil e em outras partes do mundo. Em exposição permanente, os bonecos pertencentes a Augusto fazem parte da decoração da Casa, da cenografia e da alma do espaço. Estão à venda, mas sob a promessa de serem substituídos assim que adotados pelo seu novo padrinho. Quando saem, os bonecos deixam saudade! Mas a vida é assim, e a arte imita a vida. Uns se vão. Outros virão. Muita gratidão ao mestre Augusto e sua equipe. Os Marionetistas são vocês.

Como coração de mãe, a Casa abriga outros artistas. A espaçosa varanda, onde se dão os encontros e conversas, onde se saboreia comidinhas e bebidinhas do restaurante/bar Panela de Poeta (falo já sobre ele), leva o nome do ilustríssimo jornalista e escritor: “Varanda Cleomar Brandi”. O espaço dedicado a exposições de artes plásticas carrega a alcunha de “Espaço Zé Fernandes”. Já o palco convencional, onde os artistas sobem para o declame de poesias, apresentações musicais, interpretações teatrais etc, é denominado de “Palco Ismar Barreto”. Cleomar, Zé Fernandes e Ismar, todos foram meus amigos, mas não por isso estão impressos em azulejos pregados na parede. Quem sabe deles entende o porquê das homenagens. Quem não



sabe, aparece na Casa que eu explico as razões. São muitas. A cultura agradece. Agradece também ao incrível artista plástico Marcos Galdino, associado fundador, que tem obras suas – belíssimas – constantes na decoração da Casa, além de Carlos Tampa, percussionista de excelência, também associado fundador, que deixa o som de seus batuques sempre ecoando pelo salão do espaço. E se somam outros artistas associados: Ewa, Glorinha, Lyiginha, Mildes, Michele e Valéria, num ponta-pé inicial, cara e coragem... e sonho. É pouco? Também veio Talita, João Victor, Denys Leão, Pedro Cruel, Vitor Boom, Tassy, Leninha, Ricardo, Guga, Marcelo, Samuca, Luiz Carlos e Márcia, além de alguns outros colaboradores, cada um com sua pedrinha de rejunta. A Casa quer mais loucos... venha!

E a Casa vai bem. Um leão por dia, o bebê já se veste de referência cultural. Muitos projetos a realizar, mas alguns já são sucesso, como é o Quinta em Cena, idealizado pela produtora Talita Calixto. Sensível e inteligente, é ela quem comanda (e manda mesmo) a cultura da Casa, oferecendo ao público um espetáculo teatral todas as quintas-feiras, por um preço de ingresso bem convidativo, com arrecadação destinada aos artistas que se apresentam e uma pequena parte à manutenção do espaço. Também pela cabecinha biotônico-fontoura-culturalística de Talita são os espetáculos de música, literatura, dança etc. Um catatau de cultura bem planejado. Seguindo a mesma vertente, a Casa já se prepara para lançar seus projetos sociais, com focos na cidadania, inclusão sociocultural, educação artística e respeito às diversidades, entre outros.



Todavia, a minha constatação de sucesso da Casa vem dos olhares e das palavras de quem frequenta. Um turbilhão de alegria, olhos molhados de emoção, abraços de velhos amigos e novas amizades surgindo. Eu sinto. Eu vejo. Ao fim das apresentações, ninguém quer deixar a Casa. As conversas são um outro espetáculo. Uma feira de ideias. Um festival de almas lúdicas anunciando, fazendo um arrebol, uma aurora pela qual se segue quase que como encantado, mas com os pés no chão. No chão da cultura.



“...a minha constatação de sucesso da Casa vem dos olhares e das palavras de quem frequenta. Um turbilhão de alegria, olhos molhados de emoção, abraços de velhos amigos e novas amizades surgindo”.



Panela de Poeta

Matando a fome da alma, segue a Casa dos Marionéticos. Eis que o corpo também tem fome. E agora? “Seus problemas acabaram!” (Organizações Tabajara). Nasceu, firme e forte, de bochechas coradas, o restaurante/bar Panela de Poeta, empresariado pela turma de artistas que já colaborava com a Casa nos serviços de gastronomia. São eles os prodigiosos Pedro Cruel, Tassy e Leninha, que abriram firma independente e estão com o fogo todo. Fogo e fogão, literalmente, já fecharam contrato com a Casa para a exploração do espaço no viés das artes gastronômicas, comidinhas e bebidinhas.

E já chegaram com tudo. Encamparam o projeto “Samba do Feijão”, que acontece todos os domingos, a partir das 12 horas, trazendo “a melhor feijoada do mundo” – palavras deles – com o que há de melhor no samba, interpretado por artistas sergipanos. Que delícia! Não bastasse, a varanda vai servir, nos inícios de noite, o nosso café. Inhame, Macaxeira, Cuscuz, Pirão de Leite, harmonizando com comidinhas típicas, tendo como carro chefe o guizado de chambaril. Conhece não? Eu participei de uma mostra e tenho uma coisa a dizer: viiiiiiiiixe! Bom demais. O instagram deles é @panelade-poeta. Alma e corpo, no mesmo lugar, igual a vida.■

Acompanhe nossa programação pelo instagram: @marioneticos

Gilton Lobo é jornalista, poeta e compositor.



Ópera do Milho

O sonho da sergipanidade preservando a cultura no País do Forró

Texto IRINEU FONTES

Fotos IGOR MATIAS

Em 1996, enquanto trabalhava na Secretaria de Estado da Cultura, Luiz Antônio Barreto, um renomado intelectual, ocupava o cargo de Secretário. Era conhecido por suas ideias brilhantes e sua significativa contribuição para a cultura sergipana. Foi ele quem concebeu o termo “Sergipanidade”, representando o conjunto de características distintas que definem a identidade dos sergipanos. Essa identidade se destaca entre os demais brasileiros, ao mesmo tempo em que preserva as raízes históricas compartilhadas.

A sergipanidade não apenas inspira ações, mas também renova compromissos, simbolizando a profunda conexão entre os sergipanos e sua terra, especialmente no que se refere à cultura e tudo o que ela representa como um reflexo da experiência e sensibilidade do povo. Portanto, o conceito não se limita ao aspecto de pertencimento, mas também abrange a rica experiência emocional de ser sergipano.

Retornando a 1996, numa manhã, fui convocado à sala de Luiz Antônio, onde ele me fez um pedido: “Irineu, por favor, vá até o Centro de Criatividade e descubra como você pode contribuir para a produção do espetáculo que estamos organizando”. Eu concordei em

ir mais tarde e, ao sair da sala, procurei Lindolfo Amaral para obter mais detalhes sobre a situação.

Lindolfo explicou que Luiz Antônio havia convidado professores, dramaturgos de Portugal e Espanha, bem como a professora Aglaé D’Ávila Fontes para criar um espetáculo centrado nas festividades juninas. Ao chegar ao Centro de Criatividade às 16 horas, procurei a professora Aglaé.

Ela compartilhou que a ideia inicial era montar uma grandiosa produção teatral junina, adaptada a partir do texto da renomada dramaturga paraibana Lourdes Ramalho. No entanto, devido a inúmeros desafios e problemas encontrados ao longo do processo, essa adaptação estava se mostrando inviável, comprometendo a produção.



Aglaé Fontes, autora do texto, contemplando apresentação da Ópera

Uma odisseia sergipana de preservação cultural

A proposta do espetáculo, baseada em um texto de uma escritora paraibana, inicialmente causou surpresa. Parecia haver uma desconexão entre a intenção de destacar a sergipanidade e a escolha de uma autora de outro estado para a produção do espetáculo. No entanto, é importante ressaltar que a escolha de um texto de uma escritora paraibana não desqualificava a ideia do espetáculo nem o projeto em si.

A professora Aglaé encaminhou-me para falar com o dramaturgo e diretor, Moncho Rodriguez, e sua colaboradora, Cristina Cunha, que eram os responsáveis pelo projeto. Dirigi-me a Moncho, que estava envolvido na preparação de uma cena com diversos atores-alunos que haviam feito inscrição para participar do espetáculo. Ele gentilmente pediu que eu aguardasse, pois estava conduzindo um exercício de oficina com os atores, que representava uma cena do espetáculo. Posteriormente, ele dedicaria tempo para discutir a produção comigo.



Enquanto observava toda aquela movimentação, eu buscava compreender o enredo e como o público reagiria à história, especialmente considerando que Aglaé havia me informado que todos os personagens estariam usando máscaras. Eu acompanhava o ritmo dos movimentos dos atores, que resultou na criação da melodia e letra da primeira canção do espetáculo, um xote cujo refrão dizia: “Desde menina que ela é namorada, moleca sem vergonha, passava o tempo todo se agarrando, se esfregando, para ela lavou tá boa.” Moncho ficou entusiasmado com a criação. Com sua inteligência sagaz, Moncho sugeriu: “Isso será uma ópera, a Ópera do Milho”.



Atores em cena durante apresentação no Centro de Criatividade

“ Enquanto observava toda aquela movimentação, eu buscava compreender o enredo e como o público reagiria à história, especialmente considerando que Aglaé havia me informado que todos os personagens estariam usando máscaras”.

Banda musical da Ópera do Milho





A Ópera do Milho: uma jornada musical que deu vida à sergipanidade

Após o ensaio, conversamos sobre as ideias de Moncho, que prontamente me pediu, se possível, para compor músicas para cada cena. Assim, o que começou como a responsabilidade de assistente de produção rapidamente se transformou na missão de dar vida musical ao espetáculo. Fiquei ali, atentamente observando todos os movimentos e cenas que ele desenvolvia com os atores, enquanto anotava as minhas percepções.

Ao final do ensaio, retornei para casa e comecei a compor algumas canções. Decidi ligar para o meu amigo e parceiro Rubens Lisboa e convidei-o para trabalhar comigo nas letras. Em incríveis dois dias, tínhamos 16 canções pron-

tas, uma para cada cena e movimento que eu havia testemunhado.

A Ópera do Milho estava completa, com enredo, músicas e letras emocionantes: “O Canto de Mariazinha”, “Noivo Fui”, “Marcha do Casamento”, “Desabafo dos Pais”, “Xote do Falatório”, “Glorioso Santo”, “Canção de Santo Antônio”, “Lamento a Santo Antônio”, “Simpatia da Bananeira”, “Conso-lo das Amigas”, “Canção de São João”, “Lamento a São João”, “Simpatia do Lençol”, “Simpatia de Vicentino”, “Canção de São Pedro”, “Lamento a São Pedro”. Para aqueles não familiarizados com o conceito de ópera, essa forma de arte incorpora música instrumental, canto (árias) e diálogos cantados,



como duetos e trios, em uma apresentação teatral. A ópera foi encenada pela primeira vez no Gonzagão durante os festejos juninos de 1996.

O espetáculo teve uma produção grandiosa que começou com o sonho de Luiz Antônio Barreto e da professora Aglaé. Foram realizadas oficinas de dança, teatro, confecção de máscaras, adereços e figurinos, além de preparação corporal e técnicas de manipulação gestual e corporal, sob a direção de Moncho Rodrigues, que descreveu a montagem como uma oportunidade de celebrar a memória das manifestações ibéricas e do sincretismo ibérico que envolve os três santos: Antônio, João e Pe-

dro. Transformar essa memória em um produto capaz de contagiar as gerações mais jovens, preservando e fortalecendo a identidade cultural por meio da arte e da tradição. Mais de 100 participantes, incluindo atores, dançarinos, técnicos, costureiras, aderecistas, músicos, cantores e uma quadrilha junina, deram vida ao espetáculo. Além das composições, minha participação incluiu a direção musical e a produção, principalmente nos dias que antecederam a estreia, após minha breve ausência devido a questões familiares. Ao retornar, meu foco foi alinhar a música aos movimentos cênicos, finalizando o espetáculo que celebrava a rica sergipanidade.



Uma jornada de resgate cultural e sucesso popular

Naquela época, os coordenadores e diretores se esforçaram para conferir à Ópera do Milho um toque de ópera clássica, envolvendo cantores líricos e músicos clássicos. No entanto, essa abordagem não estava se encaixando perfeitamente. Foi então que eu busquei equilibrar a execução e as interpretações, convidando um sanfoneiro, um zabumbeiro e uma cantora popular, que também fazia parte do grupo de costureiras do espetáculo. A falta de tempo para ensaiar com artistas de fora da produção tornou essa escolha prática e eficaz. Graças aos esforços de todos os envolvidos, o espetáculo conquistou um amplo sucesso de público.

No ano seguinte, com a direção de Lindolfo Amaral, decidimos dar uma nova roupagem à Ópera do Milho. Luiz Antônio aprovou a ideia de gravar o CD da ópera em estúdio e lançá-lo junto com a estreia, transformando-o em um espetáculo mais autenticamente nordestino e tornando-o uma verdadeira ópera popular sergipana. Utilizamos playbacks e cantores que deram vida a cada personagem, combinando atores profissionais, amadores e estudantes, além da participação da quadrilha junina e figurantes, todos determinados a transformar o trabalho em um dos maiores e melhores espetáculos juninos do Brasil.



A história da Ópera do Milho gira em torno de “Mariazinha” e seu conturbado casamento, afetado pela resistência do pai em forçar o noivo fugitivo a assumir a gravidez de sua filha em nome da honra da família. A trama envolve simpatias, superstições e a intervenção de São João, São Pedro e Santo Antônio, culminando em um clímax emocionante. Essa narrativa personifica a sergipanidade, conforme proposta por Luiz Antônio Barreto, que declarou durante a remontagem em 2005: “A Ópera do Milho é a melhor contribuição que Sergipe já deu para a dramaturgia. É o povo vendo suas próprias tradições”.

Dessa forma, a Ópera do Milho se transformou em uma ópera popular, com toda a trama musicada e escrita

por mim, em colaboração com Rubens Lisboa, resultando em 16 músicas e trilhas que a tornam um espetáculo verdadeiramente singular em Sergipe.

A nova reestreia em 2023, 27 anos após a primeira montagem e 18 anos desde a última, evidencia que essa produção junina continua moderna e cativante, encantando o público e lotando os locais de apresentação. Isso reafirma o valor da cultura, da arte e dos artistas de Sergipe. Infelizmente, como é comum com questões culturais em nosso estado, muitas vezes não atrai a atenção dos gestores, talvez por não gerar lucro para alguns, mas certamente fortalece a nossa sergipanidade. A Ópera do Milho é, sem dúvida, o mais valioso e grandioso produto do País do Forró.■

Irineu Fontes é cantor, compositor e gestor cultural.

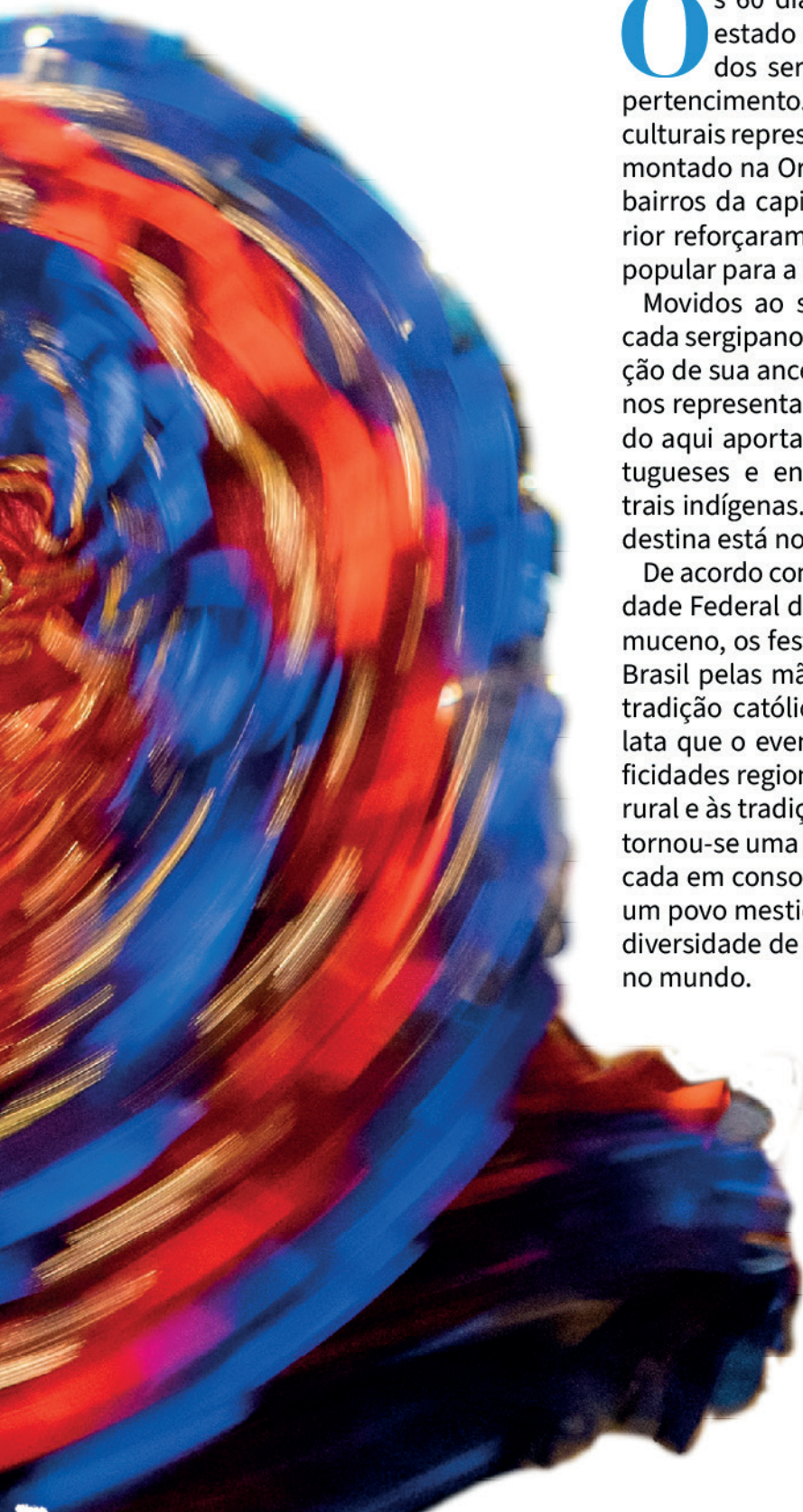
60 dias de forró

Resgate da cultura popular é
o grande legado dos
Festejos Juninos
em Sergipe

Texto CLEON MENEZES

Fotos IGORMATIAS E MOEMA COSTA





Os 60 dias dos festejos juninos no estado despertaram, no coração dos sergipanos, o sentimento de pertencimento. Ver e sentir suas raízes culturais representadas no grande espaço montado na Orla da Atalaia, nos diversos bairros da capital e nas cidades do interior reforçaram a importância da cultura popular para a existência de seu povo.

Movidos ao som cadenciado do forró, cada sergipano e sergipana sentiu a vibração de sua ancestralidade, uma festa que nos representa desde o século XVI, quando aqui aportaram os colonizadores portugueses e encontraram nossos ancestrais indígenas. A identidade cultural nordestina está no DNA dos festejos juninos.

De acordo com a professora da Universidade Federal da Paraíba, Cristiane Nepomuceno, os festejos juninos chegaram ao Brasil pelas mãos dos portugueses. Com tradição católica cristã, a professora relata que o evento se misturou às especificidades regionais, às práticas do mundo rural e às tradições afro-indígenas. Assim, tornou-se uma manifestação festiva edificada em consonância com o cotidiano de um povo mestiço que a festa transmitiu a diversidade de suas formas de ser e estar no mundo.

O Governo de Sergipe, mais que buscar a geração de emprego e o fomento da indústria do turismo, decidiu resgatar o sentimento de identidade, de pertencimento e de ser nordestino. Nada representa mais a alma de um povo que suas raízes, sua cultura e suas tradições. Foi este o maior propósito do governo.

Comemorar os Santos do ciclo junino – São João, Santo Antônio e São Pedro – é mais que uma demonstração de fé, é a renovação das tradições da nossa cultura popular.

Podemos observar que os resultados positivos não podem ser mensurados apenas com o retorno econômico, onde se destaca a geração de emprego, a ocupação quase que 100% dos hotéis e o aumento da arrecadação de impostos nos dois meses de festa. O que os sergipanos estão celebrando, também, é a efervescência cultural que o ciclo junino proporcionou, oferecendo palcos para os mais genuínos trios de forró pé de serra, a nomes consagrados da MPB, a exemplo de Geraldo Azevedo e Elba Ramalho.





Com uma estrutura que nos reme-
tia às cidadezinhas do interior, onde
provavelmente moravam nossos avós,
nossas tias e primos, o Arraiá do Povo
mesclou o que há de mais pulsante na
nossa cultura popular, como os trios de
sanfona, zabumba e triângulo, as qua-
drilhas juninas, o teatro de bonecos e
os ritmos estilizados do novo forró.

Nos dois meses de festa foram mais
de 300 apresentações nos palcos
montados no Arraiá do Povo. Milha-
res de pessoas de todos os cantos do
estado e de fora de nossas fronteiras
curtiram a volta dos festejos juninos
depois de dois anos de sofrimento por
conta da pandemia.

Toda essa efervescência não regis-
trou uma ocorrência de gravidade. Fo-
ram 60 dias de festa dentro de total
segurança, onde os jovens se mistu-
ravam com os idosos, as crianças e as
pessoas da meia idade para se diver-
tirem. Os sergipanos e turistas foram
os brincantes dessa festa popular que
acontecia nos terreiros das casas e que
agora ocupa espaços estruturados e
específicos para shows.



Mas os festejos juninos em Sergipe, apoiados pelo Governo do Estado, não se restringiram apenas à Orla. A festa seguiu pelo Bairro Santo Antônio, o Centro de Criatividade, o Bairro 18 do Forte, o Gonzagão e por diversos municípios do interior do estado. Resgatar o secular São João da Rua São João demonstra o compromisso do governo com a cultura popular, o respeito às tradições e o fomento às artes.

Abrindo os festejos sergipanos, as apresentações de quadrilhas e dos trios pé de serra vão continuar até dezembro, todas as segundas-feiras, na rua secular. A população do Bairro Santo Antônio se mostrou satisfeita e prestigiada ao ver que a sua história está viva e sendo conhecida pelas novas gerações.





O Centro de Criatividade foi palco das apresentações das quadrilhas juninas e da Ópera do Milho, peça teatral de autoria do escritor português Moncho Rodriguez. A remontagem da peça após 18 anos demonstra o compromisso do governo em regatar e prestigiar a cultura e a arte sergipana.

Podemos afirmar que o Governo de Sergipe tem os olhos voltados para o futuro, mas o coração na história, pois somente saberemos onde vamos chegar se tivermos consciência de onde viemos.





Por 60 dias Sergipe respirou arte e cultura; arte popular e arte contemporânea. Esse legado se mistura aos números que animam o governo a permanecer trilhando o caminho do desenvolvimento e da geração de emprego. A hotelaria festeja a ocupação dos hotéis que chegaram a quase 100%. O índice de desocupação no estado caiu nos meses de junho e julho por conta dos novos postos gerados e a arrecadação do estado também sentiu um incremento.

Os proprietários de bares e restaurantes celebram a iniciativa do governo

de retomar os festejos, pois conseguiram, no período, amenizar os prejuízos que amargaram durante a pandemia.

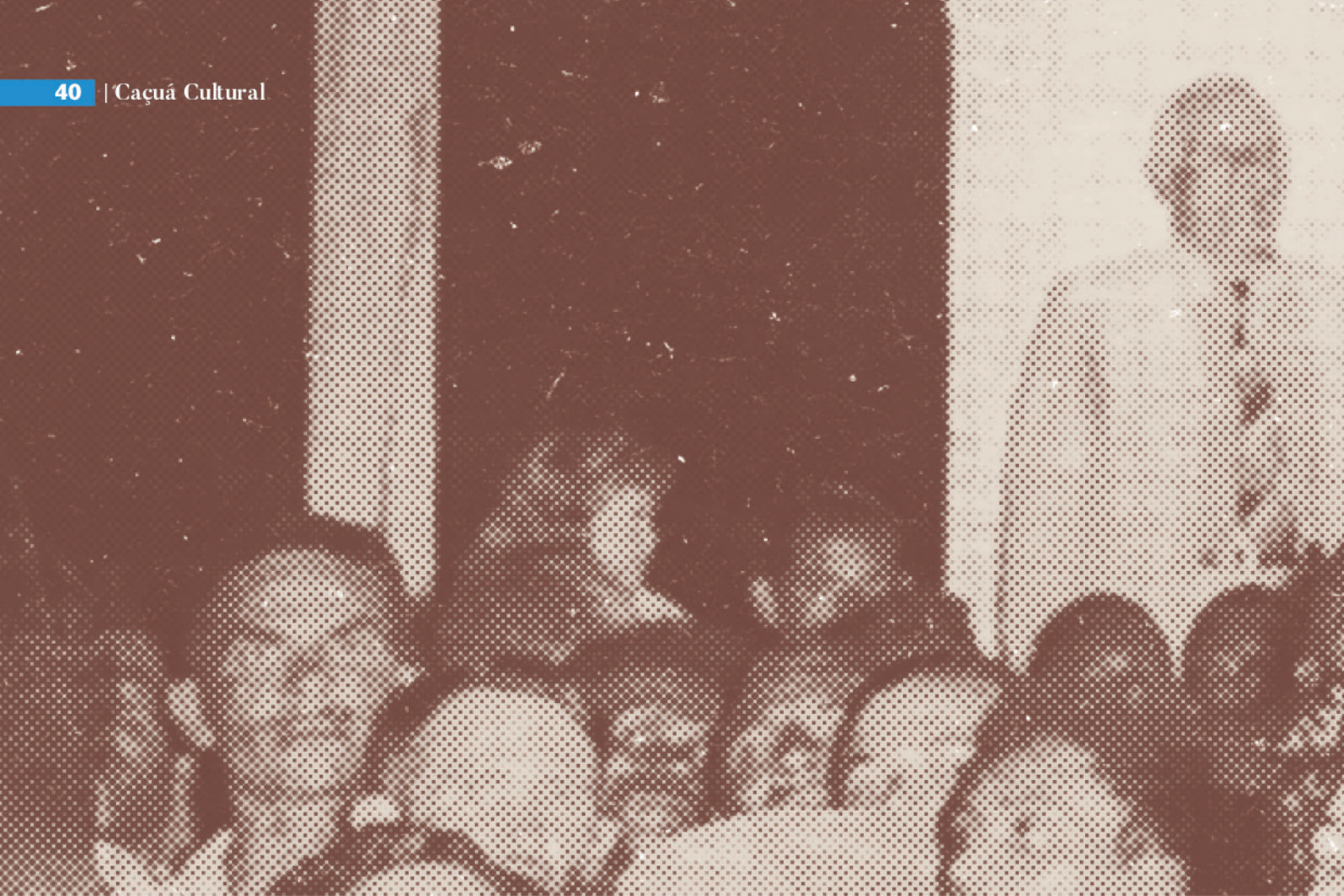
O que se observou nesses 60 dias foi que toda a economia do Estado se movimentou. Do vendedor ambulante às lojas de confecções, calçados, salões de beleza, transporte público e por aplicativo. Enfim, pelo giro de recursos promovido pelos festejos juninos, aliado à valorização da cultura e da arte genuinamente nordestina, é que podemos afirmar que: “Sergipe é o País do Forró”. ■

Cleon Menezes é publicitário e atual secretário de Estado da Comunicação.



Sergipe é o País do Forró!

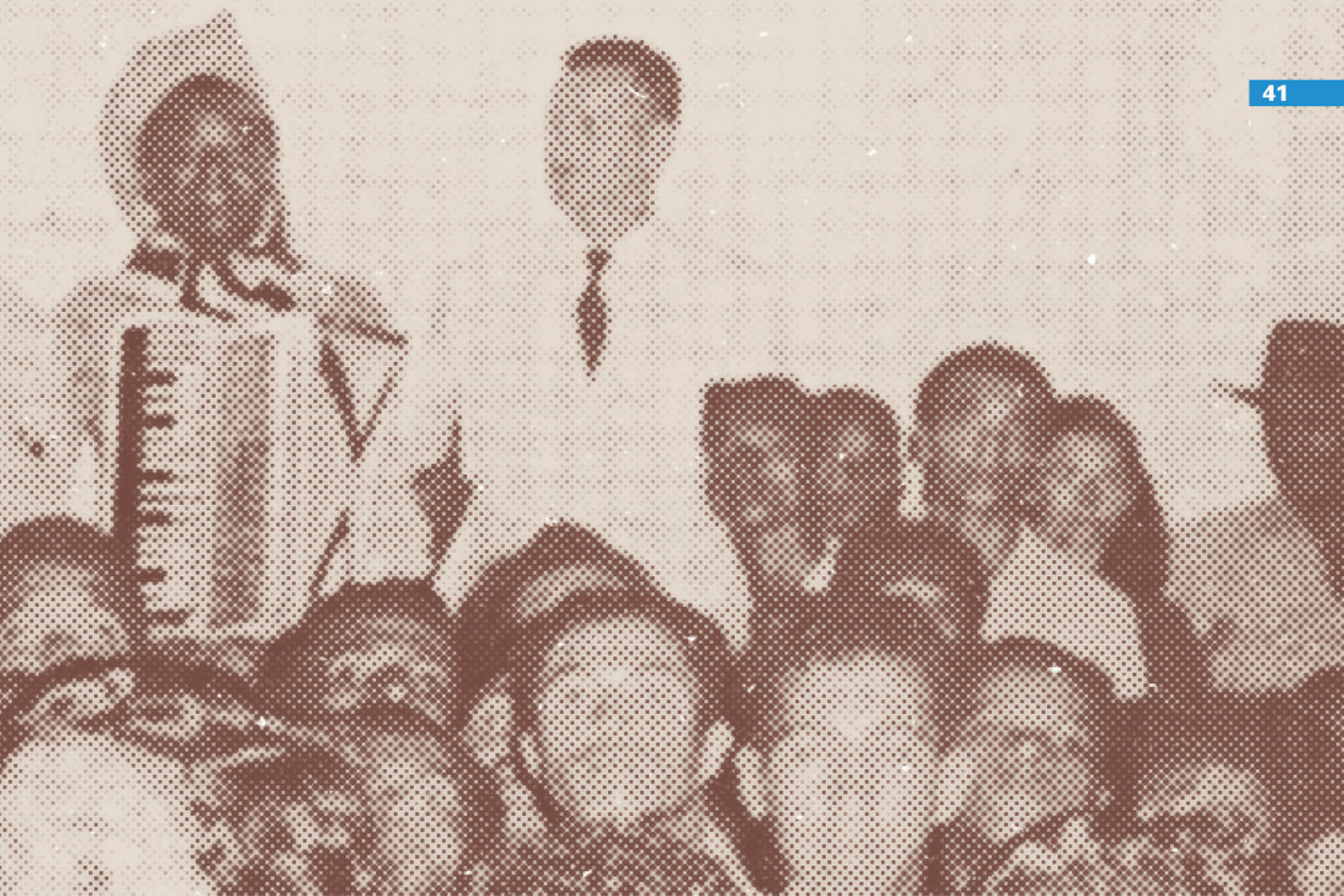




Presença de Luiz Gonzaga em Propriá

A amizade entre o Rei do Baião e o fazendeiro e líder político Pedro Chaves rendeu belas canções em homenagem à cidade ribeirinha do Velho Chico

TEXTO JOSEILTON NERY ROCHA



Nas décadas de 50 e 60, Luiz Gonzaga, o “Rei do Baião”, manteve uma liga de afeto com Propriá, além da relação artística. E os *puro-piauenses*, por muito tempo, retribuíram esse carinho. Essa troca foi construída a partir da amizade nutrida entre o velho Lua e Pedro de Medeiros Chaves, fazendeiro e líder político udenista da região ribeirinha do Velho Chico.

De fato, notoriamente, são inúmeros os registros do relacionamento de Luiz Gonzaga com os ribeirinhos. Principalmente nas suas composições. Algumas canções mencionam a cidade de Propriá, seus personagens e seus cenários. Outras tantas ano-

tações escritas e imagens fotográficas destacam essa junção do Rei do Baião com a Princesa do São Francisco, sobretudo oriundas da amizade do Rei com o “Pedro do Norte”, típico homem nordestino pelo que se conhece do seu perfil. Por exemplo, no baião “Propriá”, a mais conhecida do público, composição do filho do velho Januário em parceria com Guio de Moraes, gravada em 1951 pela RCA Victor, conta-se acerca de uma paixão de Luiz Gonzaga deixada na cidade. A personagem que dilacerava o coração do Seu Lua se chamava Rosinha. A canção, inclusive, é ressaltada na obra “O Rei e o Baião” de autoria de Bené Fonteles.

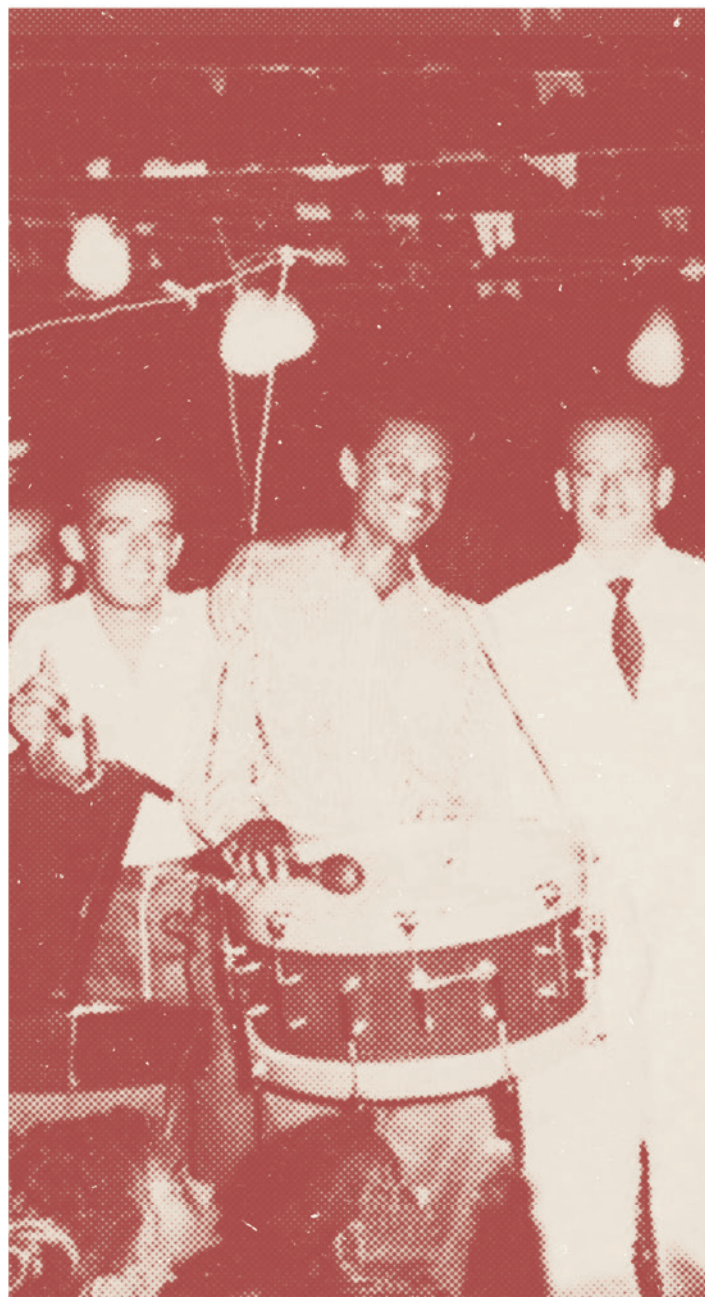
Todavia há polêmica quanto ao enredo. Alguns acreditam na existência desse suposto amor. Outros o entendem como uma fantasia. Estou entre os que veem ficção. Sei que a personagem que supostamente inebriou o Rei nega esse envolvimento. Sou testemunha. Numa ocasião, aqui em Aracaju, D. Moreninha, minha mãe, perguntou a D. Rosinha sobre o feito obtendo de imediato a negação. Sob gargalhadas de ambas, completou D. Rosinha: - “Coisas do povo da nossa terra, minha amiga”.

Já em 1955, o prefeito Pedro Chaves selou de vez a sua afeição e a dos demais propriaenses pelo Rei do Baião construindo uma praça e a denominando com o seu nome Luiz Gonzaga, inclusive o convidando para a inauguração, com show musical, obviamente.

Por sua vez, para homenagear o amigo, Luiz Gonzaga compôs “Forró de Pedro Chaves” (1967) enaltecendo a animação das festas promovidas por Seu Pedro. E ainda “Coronel Pedro do Norte” (1972) revelando o Pedro Chaves, homem tipicamente do nordeste daquela quadra, patriarcal, autoritário e machão.

Narra-se, ouvi isso também do meu pai, que um pessedista ao assumir a gestão municipal resolveu retirar a placa indicativa da praça que homenageia Luiz Gonzaga. Retomando o poder udenista na cidade, o prefeito Nelson Melo repôs a placa e pediu a Pedro Chaves para convidar o Rei do Baião a fim de participar da reinauguração do logradouro. Convite feito, convite de pronto aceito, o evento se realizou com a presença de Luiz Gonzaga com direito a baião sob os acordes da sanfona, zabumba e triângulo. Foi uma das maiores festanças da região.

Sempre cito que guardo bem vivas as lembranças da infância que influenciaram o meu olhar e gosto musicais. Do “Forró de Bodega”, no meu torrão natal, até hoje aspiro e respiro as canções de Jackson do Pandeiro, Trio Nordestino e, especialmente, do Rei Luiz Gonzaga do Baião, por razões e emoções óbvias.





Praça Luiz Gonzaga, no Centro de Propriá



Luiz Gonzaga e Pedro Chaves entre amigos em Propriá
(Imagem da Internet)



**Quando há festa
Na casa do Pedro
O comércio fecha em Propriá
Tem zabumba, esquentá muié
E a gente dança sem pagar”.**



**Por isso
Eu vou voltar pra lá
Não Posso mais ficar
Rosinha ficou lá em Propriá
Eu tenho que voltar
Minha vida tá todinha em Propriá".**

Também, quando surge ocasião, menciono que não sei o porquê, até hoje, as lideranças políticas e culturais do meu lugar de nascimento nunca terem aproveitado o legado *gonzagueano* relacionado com a região do Baixo São Francisco e seus personagens como trunfo para alavancar a cultura e o turismo, a fim de fomentar a combatida economia propriaense, há tempos. Além das destacadas “Propriá” (1951), “Forró de Pedro Chaves” (1967) e “Coronel Pedro do Norte” (1972), o Rei do Baião celebrou a amizade com Pedro Chaves e o carinho com a região por intermédio da música “Malhada dos Bois” (1957).

Defendo que o município de Propriá ainda deve muito a Luiz Gonzaga pelo legado herdado das suas andanças pelo nosso torrão e, sobretudo, da sua obra artística. Além de buscar reparar essa dívida, o município também poderia aproveitar essa herança para potencializar a sua economia. Vejo bastante atrativa a criação de um festival de periodicidade anual ressaltando a obra gonzagueana, durante o período junino, em data que não competisse com as festas da época já consagradas em outros municípios. O evento integraria o calendário cultural propriaense e, mais ainda, seria inserido como política de Estado, a fim de fomentar a cultura e o turismo da Princesa do São Francisco.■

Joseilton Nery Rocha é servidor técnico da UFS, militante sindical e social, ex-presidente do SINTUFS e graduado em Administração de Empresas.





Luiz Gonzaga e seu trio pé de serra animam festa de Pedro Chaves em Propriá (Imagem da Internet)

Mestre Elói da Asa Branca

Professor, músico, agente cultural e marcador de quadrilha: histórias de um dos principais personagens do ciclo junino no Brasil

TEXTO CARLOS EDUARDO TRINDADE SANTOS





É um desafio, mas, ao mesmo tempo, um prazer falar um pouco da história de Elói Filho para conhecimento da população sergipana. Elói como integrante de um grande clã familiar oriundo da região do Vale do Cotinguiba, mais especificamente, de Rosário do Catete por parte de pai (Seu Zéloi) e de Riachuelo por parte da mãe (Dona Lizete). Temos mais alguns irmãos e irmãs frutos de outras relações do Seu Zéloi, mas nuclearmente, com Dona Liz (como eu a chamo) ele é o irmão caçula do saudoso Jorge Trindade e deste que vos fala, Carlos Trindade. A falta da marca Trindade no sobrenome fica na conta do velho Zéloi que fez questão de garantir a lembrança do seu nome na família.

As memórias do histórico familiar são revividas diariamente e especialmente nos almoços de domingo com a Dona Liz até os dias de hoje. Se as dificuldades motoras da minha velha aumentam a cada dia, a capacidade mental está funcionando a pleno vapor e podemos desfrutar de 93 anos de história sobre a saga da nossa família neste mundo de meu Deus. Nestes privilegiados momentos com Dona Liz, lembramos vários fatos pitorescos sobre

seus filhos que nem sempre lembramos ou prestamos atenção devido aos corres da vida.

Os fatos pitorescos lembrados nestes prazerosos encontros com a nossa matriarca têm em Eloi um personagem sempre presente, até porque o que ele foi construindo no seu caminho cultural teve a participação especial de Dona Liz e Seu Zéloi desde tempos idos. O carão que tomou da matriarca quando foi reprovado em educação artística no Colégio Valadão, segundo ele por intriga da Professora, o que não duvido, visto ele ter habilidades para a arte desde a infância; a vontade de se candidatar a vereador, o que sempre desaconselho falando que ser bastante conhecido e reconhecido por determinado trabalho não significa voto na urna, e exponho o exemplo de um amigo da nossa época esportiva já falecido que se candidatou porque era bastante conhecido e quando os votos não apareceram, o finado achou que havia sido traído pelos amigos; o Elói espírita que acredita em ovnis e outras forças invisíveis; o Elói mestre cuca que está sempre criando receitas para a velhinha; a minha história no início da Quadrilha Junina Asa Branca, quando fui destituído por fal-





ta de habilidade dançante; a pressão que fazemos para que ele conclua o seu mestrado; e, por fim, a chegada do primeiro neto ou sobrinho (como ele mesmo diz) que não vai se chamar Elói Neto, mas Ravi.

Ainda cedo, o Elói largou suas habilidades com o desenho para se dedicar integralmente a cultura junina, não sem antes ter feito uma incursão pelo samba com o Grupo Gueri Gueri, no qual destacavam um repertório mais voltado para o partido-alto e para o samba raiz. Este projeto, infelizmente, acabou antes de ocupar um espaço maior no mercado cultural de Sergipe. Ao invés de sambista, tornou-se um bom e qualificado ouvinte do que existe de melhor em termos de samba no Brasil.

Seu percurso pela cultura junina teve uma história diferente do tipo que a gente não sabe onde vai chegar até que vejamos a coisa realizada. Saímos da rua Simão Dias, na zona central de Aracaju, e viemos morar no recém-construído Conjunto Leite Neto. No projeto arquitetônico do conjunto, além de uma área comercial, foi previsto um centro comunitário onde seus moradores desenvolviam di-

versas atividades sociais e culturais. Ali foi criada a Quadrilha Junina Asa Branca para animar os festejos juninos da juventude local. Elói não foi seu primeiro marcador, mas quando assumiu este posto demonstrou interesse e dedicação especial àquele grupo que marcou a história das quadrilhas juninas em Sergipe.

Se formos tentar uma explicação para o papel do Elói como agente cultural que se transforma quase num sinônimo local dos festejos juninos em Sergipe, diríamos que ele soube ler o momento com um olhar atento às transformações culturais e sociais da década de 1980, quando conseguiu e se permitiu inserir novidades no quadrado das quadrilhas juninas sem que estas confrontassem os mandatos tradicionais destas manifestações. O maior exemplo disto foi a criação de novas formas de dançar passos correntes nas quadrilhas juninas, tais como o caracol que inseriu na Asa Branca sob inspiração do espetáculo Samwaad Rua do Encontro, de Ivaldo Bertazzo, o qual incorporava elementos do balé moderno, de danças tradicionais indianas, do samba e da dança de rua.





Este reinado na Asa Branca durou dos anos 80 até 2011, quando por questões internas, se afastou deste grupo cultural. A distância da Asa Branca não significou um afastamento das quadrilhas juninas. Entre 2012 e 2022 esteve contribuindo com outros grupos culturais, a exemplo do Peneirou Xerém, que desenvolvia um belo trabalho com mulheres no Conjunto Castelo Branco, e a Xodó da Vila, uma quadrilha sediada no conjunto Jardim Esperança, na zona sul de Aracaju. Agora em 2023, como um bom filho, retorna a Asa Branca na condição de marcador trazendo na bagagem quatro décadas de dedicação ao enriquecimento da cultura junina sergipana.

Sua bagagem é compreendida e exposta quando passeamos por seu currículo e visualizamos as pessoas que inspiraram esta trajetória, tais como Mestre Euclides, Augusto Barreto do Mamulengo de Cheiroso, a Professora Aglaé Fontes e o Marcador da quadrilha Junina Mocotó, Washington. No currículo do cabra, várias apresentações em nosso Estado e pelo país afora, a exemplo do programa de Hebe Camargo em 1996, do Festival de Quadrilhas Juninas do Nordeste promo-





vido pela Rede Globo Nordeste, dos Encontros de Quadrilhas Juninas em Brasília, Pernambuco, Ceará, João Pessoa e Campina Grande, na Paraíba, Atalaia, em Alagoas, na Feira de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, e na inauguração do Porto de Sergipe recepcionando turistas vindos com o Navio Funchal. Individualmente, foi condecorado várias vezes como personalidade do forró no evento Sanfona de Ouro, promovido por Jorge

Lins e, em 2018, foi eleito o melhor marcador de quadrilhas juninas do Brasil pela Confederação Nacional de Quadrilhas Juninas – CONAQJ.

Esperamos vê-lo plantando sementes culturais por Sergipe e pelo Brasil até quando os santos juninos e suas intermediações junto ao altíssimo assim permitirem, mas esta história continuará sendo contada ainda por incontáveis tempos. Que a vida lhe seja leve. Forte abraço, Mano Elói. ■

VIVA SÃO JOÃO!



Mestra Madá e as lendas do Povoado Ilha Grande

Ícone do samba de coco em São Cristóvão, Madá também comanda o turismo de experiência na região cheia de lendas e histórias arrepiantes

TEXTO EVERALDO PINTO FONTES, GASPEU
ILUSTRAÇÕES RODRIGO CARVALHO



A Mestra do Samba de Coco da Ilha Grande, em São Cristóvão, Maria Madalena Santos (Madá), é, de fato e de direito, Patrimônio Vivo da Cultura Sergipana, com título reconhecido pela Assembleia Legislativa de Sergipe em 28 de abril do corrente ano. O título de Mestra havia sido reconhecido pelo Ministério da Cultura em 2013, o que assegura a Madá a honra de ser uma autêntica representante da cultura popular brasileira.

Essa tradição de mestra no samba de coco ela herdou dos tataravôs. Faz questão de passar para os filhos e netos todos os seus saberes. “... camarão é peixe bom camarão, camarão é peixe bom...”; “... quero um par, quero um par, quero um par de tamancos pra brincar...”.

Na brincadeira, homens, mulheres e crianças, com uma alegria contagiante e ricas indumentárias, encenam evoluções das danças de roda e do ágil samba no pé ao som de instrumentos de percussão.

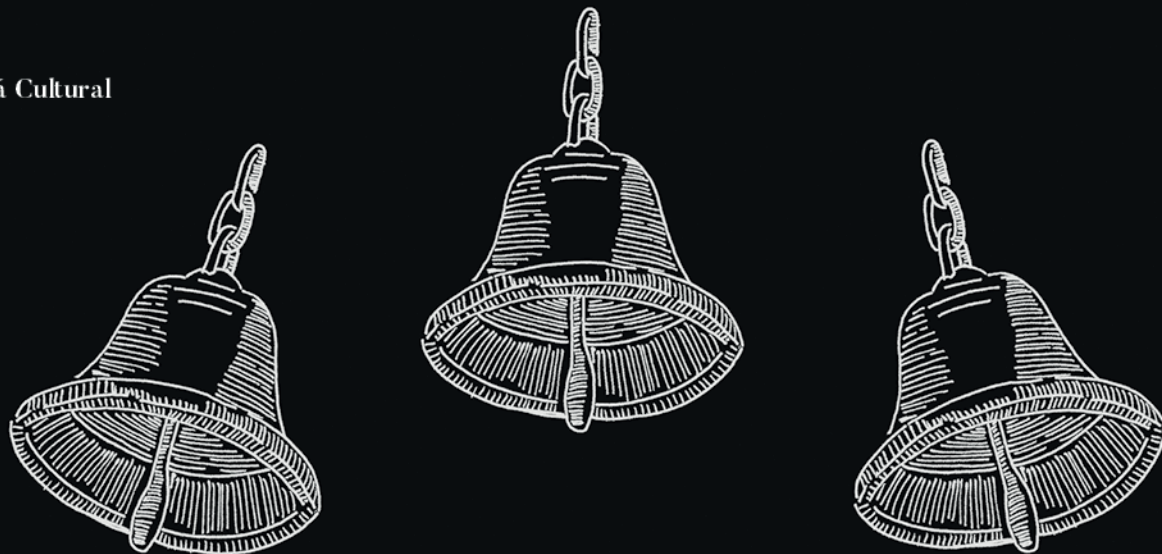
Mestra Madá nasceu na Ilha Grande, Povoado de São Cristóvão, Sergipe, em 25 de maio de 1945. Nesta comunidade cresceu, viveu e aprendeu com seus tataravôs a dançar folclore. Aprendeu também a fazer pratos e doces típicos que encantam o paladar de todos. Animada como os habitantes daquela ilha paradisíaca, hoje lidera o Samba de Coco da Ilha Grande.

É tradição no dia 31 de maio, ao alvorecer do dia 1º de junho, cantar, dançar e anunciar soltando fogos a chegada dos festejos juninos com dança e muita música. Tudo isso com alegria, porque também se comemora a colheita do milho, que é uma tradição na região e no nordeste brasileiro.

O samba de coco é uma antiga manifestação folclórica de São Cristóvão, tida como herança dos povos africanos. Atualmente, ao som de instrumentos de percussão, os brincantes cantam pérolas do cancionário popular e executam harmoniosos movimentos de giro e samba no pé. A alegria é um componente presente na roupa, na dança e nas músicas contagiantes do samba de coco. No dia 16 de fevereiro de 2019, Mestras Madá e Adelaide lançaram um CD com o título de “Samba de Coco da Ilha”. O disco foi gravado com recursos do Programa de Educação Ambiental com comunidades costeiras (PEAC), da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

O Turismo de experiência também é verificado na Ilha, capitaneado pela Mestra Madá e moradores. Nestas oportunidades podemos ouvir as lendas e histórias locais, além de aprender a dançar o samba de coco e degustar seus saborosos doces e comidas da culinária local.



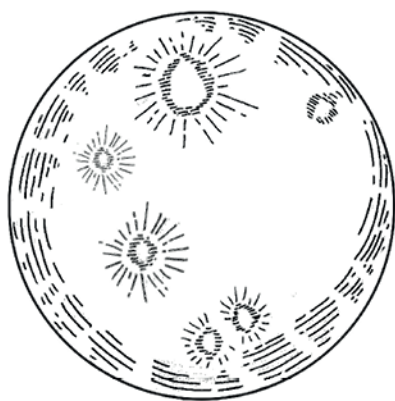


Podemos ouvir as lendas e histórias, tais como: a lenda dos Sinos e a lenda da mulher dos cabelos compridos. Conta a lenda dos sinos que em noite de quarto crescente, a lua se pondo por volta da meia-noite, com a escuridão já presente, um navio de bandeira estrangeira se aproxima da foz do Vaza-Barris. Ao chegar à barra da cidade, encontro do Rio Paramopama e o Vaza Barris, o vento se avoluma, as ondas revoltas, a maré muito alta, a chuva

castiga o navio invasor, que se choca contra as pedras localizadas sob o rio.

Neste momento, o pânico chegou junto com a escuridão. O comandante da embarcação, como último a deixar a nau, muito nervoso, preocupado em salvar a embarcação e os tripulantes, começa a badalar freneticamente os sinos. Daí então, a marujada se expõe ao rio e são tragados pelas águas do Vaza Barris. Entre os gritos, o pânico, os sons insistentes dos sinos, o pedido de socorro, o desespero.





Contam que até hoje, em noite de lua quarto crescente, os moradores da Ilha e povoados adjacentes ouvem os sinos e os gritos de socorro. São noites horríveis que assustam a todos e os deixam sem dormir.

A mulher dos cabelos compridos: conta a lenda que o mistério que assombra a ilha há décadas é sobre uma mulher de cabelos compridos que assusta crianças e idosos à noite. Ela se esconde no topo dos coqueiros e vaga na mata adentro assustando crianças e idosos com seus cabelos longos, vívidos e pretos. Os que garantem ter visto, afirmam que em noite de lua cheia as palhas dos coqueiros se iluminam dentro da escuridão e a mulher de cabelos longos aparece nas palhas dos coqueiros e nas matas da região. Portanto, a homenagem em vida a cidadã Maria Madalena Santos, Mestra Madá, a deixa muito alegre e ciente de uma responsabilidade com os moradores da Ilha Grande e com todos os moradores de comunidades tradicionais e costeiras, das quais ela é a maior representante. ■

Gaspeu é professor aposentado da Rede Estadual de Sergipe e da Rede Municipal de Aracaju. Morador de São Cristóvão, Sergipe.

Caçua de Poemas

Maria Glória



Maria Glória, mulher preta e ativista sergipana, é uma figura notável e multifacetada no cenário cultural de São Cristóvão, sendo a Coordenadora-fundadora da Casa das Culturas Populares desde o ano 2000. Além disso, ocupa a Cadeira nº 02 da ASCLEA - Academia de Letras e Artes de São Cristóvão, tendo como patrono o ilustre José Augusto Garcez. Seu papel como escritora é de destaque, com quatro livros publicados: "Fragmentos" (1993), "Circuladô" (1995), "Como Roupa em Varal" (1996) e, mais recentemente, "Escarlate" (2020), demonstrando sua versatilidade literária. Atualmente a escritora envereda-se para a escrita infantil e antirracista.

Para além de sua produção literária, Maria Glória é reconhecida como uma talentosa atriz, tendo o registro profissional DRT/SE 0520, devidamente reconhecido pelo SATD - Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos.

Acadêmica e pedagoga de formação, Maria Glória graduou-se pela instituição São Luís de França, em 2008.

João Mulungú desocupado
Ou o atentado de domingo

O atentado de domingo
dilacerou meu coração
Logo nas primeiras horas
da manhã
Enquanto as famílias de bem dormiam
Crianças eram acordadas de sobressalto
ao ver suas mães aflitas
desesperadas sendo chicoteadas
Pela polícia na ocupação
No atentado da rua da frente
Eles chegaram armados até os dentes
Com bombas e todo o aparato
Sim bombas
Para afugentar os inocentes
Foi tão grande a agonia
Um quadro de horror
Vindo daqueles homens
Que cumprem às ordens
dos famigerados
Indecentes
Eu não estava lá
Mas quando soube
Fiquei com o coração
Partido
e a dor se espalhou

Na rua da frente
O rio aparente calmo
e navegador
Assistindo a tanta dor
Já não estava tão impávido
O rio na rua da frente
Tornou-se revoltado
diante da cena
Aniquilante
aterrorizante
Enquanto isso
as famílias de bem
Pediam pelo aplicativo
em delivery
Sorvete feito de açaí
Com pasta de amendoim
Enquanto homens
Mulheres e crianças
Marchavam sangrentos
Sem ter para onde ir.

Pelo céu e pela terra
Colibris assustados veem tanques
Vejo-os cobertos nos sonhos
dias e noites insanos
na terra num planeta azul
Há uma guerra
Onde quer que vá
Onde quer que esteja
Há um campo que vai ter apenas flores
Por onde quer que vá
Há de se ver esse campo coberto
Com flores
No céu
Na terra
Um campo coberto com flores
Onde quer que vá
Eu vejo
Um caminho que vai dar no campo
Coberto de flores
Onde quer que vá
Há colibris
Por cima do tanque
Onde quer que vá
dá pra ver esse campo
No céu e na terra há colibris disfarçados
Campo coberto de flores
depois da guerra.





Tanta coisa triste
O país em extinção
Tanta miséria
Luz cortada
Dor no Afeganistão

Muita coisa triste
Asa delta perdida
Na imensidão
Homem velho
Com pipa na mão

Tanta coisa triste
Asa caída do avião
Asa cortada
Ferida aberta
Anjo com asa cortada
Emendada
Cortando o coração
Moedas contadas
Pra comprar um pão

Essa asa quebrada
Pendurada no braço
Esse coração vagueando
De mão
Em mão.

É Deus na porta do supermercado
 Numa banca improvisada
 Fazendo apostas no jogo do bicho
 É Deus que caminha nas ruas
 No meio da noite
 Apanhando as estrelas
 Que caíram por descuido
 Do céu
 No chão
 É Deus removendo o lixo
 Separando o lixo
 recolhendo cacos
 Pra não machucar ninguém
 É Deus com muita dor no ombro
 Por carregar tanto peso
 É Deus se arrastando na esquina
 Correndo em disparada
 Pra entrar no ônibus
 Pela porta dos fundos
 É Deus
 Fedendo na praça
 Sem incensos
 Com unguento
 Sem preces
 É Deus que desceu das montanhas
 Pra se juntar com todos
 Enfrentando fila
 Pra preencher cadastro
 Tentando um emprego
 É Deus dentro de PS
 Marcando consulta
 Pra se receitar pelo SUS
 É Deus entre nós
 Disfarçado de herói
 É Deus numa briga
 Levando murro
 Desacordado
 É Deus desistindo de tudo
 Descumprindo a missão
 É ele sim
 Dando as costas
 A multidão

É Deus fugindo de nós
 Assombrado
 Com medo
 Assustado
 É Deus tomado de assalto
 É Deus
 Com medo de estupro
 Oh nós
 Que nós
 Quantos nós
 Quanto tem de Piedade
 De Deus
 É Deus disfarçado
 Ele está com medo de nós.





Madrugada fria
 Pássaros pausados
 Sem ninhos nem folhas secas
 Nem palha
 Inventam verões
 Inverno vigora do lado
 de dentro
 No coração dos homens
 Pretos
 Sem abrigo
 Sopram!

Paradoxo

Nunca estou indo a lugar nenhum,
 Nunca cheguei de lugar nenhum,
 Estou sempre a vagar,
 A sonhar,

Imaginando uma chegada,
 De qualquer lugar,

Porque nunca vou,
 E nunca chego,

Os dias, todos são iguais,
 E eu nunca espero,
 Nunca vou.

Nunca saio do eixo,
 Mas não conheço perfeição.

Nunca chego terminalmente,
 Estou sempre a sonhar com partida,
 Que deveria ser ontem
 E o ideal está no anteontem.
 Por isso, nunca vou,
 Jamais estou.

Nunca estou indo a lugar algum,
 E nunca cheguei de lugar nenhum,
 Encontro-me:
 Nos quases,
 Nos antes,
 Nos depois,
 Porque estou sempre olhando
 Através de um binóculo
 Seres que vão, que foram,
 Que vêm e não ficam terminalmente.
 E nunca estou com eles.

MEU CLICK



Emanuel Rocha

Emanuel Souza Rocha, nascido em Aracaju (SE), é historiador, educador social, repórter-fotográfico e poeta popular. Desde a década de 1980, militou em Organizações Não Governamentais e Movimento Populares. Entre eles, o Centro Sergipano de Educação Popular (CESEP), Centro Dom José Brandão de Castro (CDJBC), Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMMR) e a Articulação de Semiárido (ASA). Além de participar do documentário **“Meninos Marcados para Morrer”**, cooperou com a imprensa sergipana escrevendo artigos sobre problemas sociais.

Foi gestor do Monumento Natural Grota do Angico (MONA), Unidade de Conservação Estadual, no qual colaborou com a criação do documentário **“Angico de fora a fora”**, que mostra a importância do MONA para a economia, turismo e a ciência. Também escreve literatura de cordel com temas variados, dando ênfase a importância do nordeste brasileiro.

















Diário Oficial: 128 anos de história

Primeira edição impressa foi publicada em 1º de setembro de 1895. Em dezembro de 2012, o jornal passou a ser digital

No dia 1º de setembro de 2023, o Diário Oficial do Estado de Sergipe completou 128 anos de existência. Foi criado através da Lei nº 106 de 5 de dezembro de 1894, no governo de Manoel Prisciliano de Oliveira Valadão. Essa lei foi sancionada em 24 de agosto de 1895 e, com isso, o Diário teve sua primeira edição impressa justamente no primeiro dia de setembro daquele ano. “O Diário Oficial de Sergipe não significa outra coisa senão o desempenho da administração do Estado – e o seu título é o suficiente para o seu programa indicar a sua instrução”, anunciava o editorial da primeira edição impressa. “Órgão de governo, não se delimitará, no entanto, a simples publicações de atos oficiais, arrisca-se também a todos os assuntos de vários órgãos e da vida política do mundo civilizado”.

Entre os atos oficiais do Governo publicados na primeira edição do Diário, há fatos curiosos, como uma recomendação ao comandante da polícia militar na época. “É aspiração deste governo que o corpo sob vosso co-

mando componha-se de soldados que honrem a farda, sujeitando-se à disciplina, fugindo da prática dos vícios assim como da exibição de violências em serviços e diligências que tiverem de executar”. Além dos “Actos officiaes”, aquela edição publicada num domingo, 1º de setembro, trazia também seções de Telegramas, Expediente e editorial do governo. “E com a manifestação desta bandeira, o Diário Oficial de Sergipe, neste momento, se apresenta no espaço dos batalhadores da inteligência e do simples posto que passa a ocupar, e envia suas saudações fraternas à imprensa”.

Após um hiato de três anos, em 1919, o Diário Oficial de Sergipe voltou a circular. É nessa fase que o jornal começou a estampar o Brasão do Estado, criado pelo professor Brício Cardoso e oficializado pela Assembleia Legislativa em 5 de julho de 1892. Na época, o Diário impresso também se destacava por suas notas de comércio e cultura, crônicas, poesias e coberturas de eventos importantes, além de propaganda de filmes, assuntos da sociedade e muitos outros temas.



Prédio da Imprensa Oficial de Sergipe, no Centro de Aracaju

Importante dizer ainda que o Diário Oficial cobriu dois dos acontecimentos mais relevantes do Brasil em diferentes épocas. Noticiou os conflitos da Guerra de Canudos com coberturas diárias e correspondências com outros jornais até o extermínio do bando de Antônio Conselheiro, e ainda, a visita ao estado de Sergipe, em 1933, do Presidente da República, Getúlio Vargas, que percorria todo o país, ocasião em que criou a Associação Sergipana de Imprensa – ASI. “É papel fundamental da IOSE dar publicidade aos atos oficiais da Administração Pública Estadual, proporcionando ao cidadão transparên-

cia e assegurando a importância do jornalismo de qualidade na defesa do Estado democrático de direito”, assegura o diretor administrativo e financeiro da empresa, Roberto Messias.

Na atualidade, a IOSE, através do Diário Oficial do Estado, tem a missão de manter e distribuir através dos meios eletrônicos on-line um jornal governamental que torna público os assuntos de interesse da coletividade, divulgando os atos oficiais do Estado, em obediência aos princípios constitucionais da administração pública: Legalidade, Impessoalidade, Moralidade, Publicidade e Eficiência, conforme normas expressas na Constituição Federal.



Impressora histórica do Diário Oficial de Sergipe (Catu)

Em 3 de dezembro de 2012, o ex-governador Marcelo Déda autorizou o fim das edições impressas do Diário, transformando-as em versões digitais, como são feitas até hoje. “As edições impressas tinham circulação restrita, o inverso das eletrônicas que em segundos são lidas mundialmente - com segurança e transparência. Os jornais para entrega não tinham hora certa nem dia. As edições atrasavam, seguidamente. O tempo é outro. No relógio, a certeza de que, a 1 minuto do dia, a edição está disponível. Ao comemorarmos 128 anos da Imprensa Oficial de Sergipe, sentimo-nos parte desta história”, atesta o diretor industrial da IO-SE, Mílton Alves. ■



Equipe da produção digital do Diário Oficial do Estado

DIARIO OFICIAL

A aspiração deste governo que o corpo sob vosso commando componha-se de soldados que honrem a farda, sujeitando-se a disciplina, fugindo da pratica dos vicios assim como da exhibição de violencias em serviços e diligencias que tiverem de executar.

Segundo estado com
a **maior redução de**
homicídios em 2023.

Cuidando da gente hoje,
melhorando o futuro de todos.

Fabíola Góes
Capitã da Polícia Militar

A segurança
tá que
tá



SERGIPE
GOVERNO DO ESTADO

f i y /governosergipe
se.gov.br

Certificado Digital



Sua **identidade virtual** com
garantia de autenticidade.

> segurança

e-cpf

> agilidade

e-cnpj

> comodidade

**ASSINE
AGORA!**



**Imprensa
Oficial de
Sergipe**

☎ (79) 3205-7439 • (79) 99191-3399 ✉ certificado.digital@iose.se.gov.br

Rua Propriá, 227, Centro - Aracaju/SE